



II Encontro de Pesquisa Educacional em Pernambuco

Objetos de Investigação e Inserção Social

Recife, 1 a 3 de dezembro de 2008

RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: NO DISCURSO DAS PROFESSORAS E NA INTERNALIZAÇÃO DOS (AS) ALUNOS (AS)

**Lyvia Tavares Felix do Carmo;
Ingrid Geisa Santos Nascimento &
Maria Cecília Souza Pereira**
(UFRPE)

RESUMO

Esse trabalho tem por intuito fazer uma análise mais aprofundada sobre as questões de gênero no cotidiano escolar. Ressaltando as diferenças que são culturalmente construídas entre os sexos, retrataremos como os/as educadores/as trabalham essas relações dentro da sala de aula e como os/as estudantes da Educação Infantil internalizam tais questões. A pesquisa está sendo feita numa escola da zona norte da cidade do Recife. Compreendemos a relevância dessa pesquisa, pois acreditamos que a educação Pré-escolar é uma das bases formadoras de nossa identidade. Dessa forma como nos diz Bastos e Dér (2000) numa perspectiva Walloniana de desenvolvimento, é a escola que vai reduzir a influência da família promovendo o encontro com crianças da mesma idade. Partindo do pressuposto de que é na instituição normativa escola, que se consolida a desigualdade entre os sexos, previamente iniciadas no âmbito doméstico, pretendemos analisar e discutir como e quanto as professoras da Educação Infantil contribuem através de seus discursos e suas práticas pedagógicas para a internalização da identidade de gênero nas crianças. Nosso olhar volta-se para Educação Infantil, por essa ser a primeira etapa de socialização das crianças depois da família. Trabalhando o conceito de gênero com uma construção social do que é ser homem ou mulher, ou seja, a organização social da diferença entre os sexos. Para a coleta dos dados foi feita uma pesquisa de cunho etnográfico em sala de aula. Os sujeitos analisados foram duas professoras da rede municipal do Recife, que lecionam no denominado Grupo V, ou seja, com crianças de até cinco anos. Diante do que foi observado, percebemos que a relação das professoras com os meninos é tensa devido a questões comportamentais, ficando evidente certa divisão de tratamento e das tarefas pelo sexo. Louro (1997) posiciona-se criticamente a respeito dessa “naturalização” da divisão por sexo, quando enfatiza que essa prática reforça uma educação segregadora. Sabemos que a construção da desigualdade entre meninos e meninas é internalizada pelas crianças, muito antes destas entrarem na escola. Porém é nessa instituição normativa que as desigualdades se consolidam. Como afirma claramente Moreno (1999), são as relações sociais e não os genes ou a biologia que determinam como devemos ser e nos comportar, quais são nossas possibilidades e os nossos limites. Práticas que forjam o antagonismo entre os sexos, como as descritas nos resultados, são as responsáveis pela perpetuação do discurso absurdo de que meninas são quietas e organizadas e meninos bagunceiros e desorganizados. Diante das observações podemos perceber que as atitudes futuras desses sujeitos (crianças) são moldadas de alguma forma pelo gênero. Acreditamos que a escola por ter um caráter normativo, contribui de maneira sistemática para o desenvolvimento dos padrões de organização de conduta e de atividades de forma operante. Dessa forma, compartilhamos da premissa que a escola sozinha não mudará a sociedade. Entretanto, pode lançar alternativas, desenhar novas possibilidades e mostrar que nós, seres humanos podemos construir uma sociedade menos preconceituosa e desigual.

PALAVRAS-CHAVES: Relações de Gênero. Educação Infantil. Prática Docente.